
**“TRAÇO ENTÃO A NOSSA RODA GIRA-GIRA”:
A ESCRIVIVÊNCIA ENQUANTO ALIANÇA
POLÍTICO-POÉTICA A PARTIR DE RELATOS
ENTRE ACADEMIA E DOCÊNCIA**

*“SO, I DRAW OUR SPINNING WHEEL”:
ESCREVIVÊNCIA AS A POLITICAL-
POETIC ALLIANCE THROUGH REPORTS
BETWEEN ACADEMY AND TEACHING*

Caroline Neres de Andrade  

UnB | carolineneres.unb@gmail.com

Nêmia Ribeiro Alves Lopes  

UnB/IFNMG | nemia.lopes@ifnmg.edu.br

Thaís Cristina da Silva  

UnB | thaisdasilva.unb@gmail.com

CERRADOS

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LITERATURA — UNB



ORGANIZADORES:

  André Luís Gomes

 Ana Laura dos Reis Côrrea

  Joao Vianney Cavalcanti Nuto

  Paulo Petronilio Correia

CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

v. 34, n. 69, 2025
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



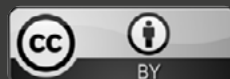
10.26512/cerrados.v34i69.59938

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 07/10/2025

Aceito em: 24/11/2025

DISTRIBUÍDO SOB



Resumo

Este artigo tem a escrevivência como estudo central. A partir da escrevivência, serão proposta algumas interpretações e experiências em torno de relatos acadêmicos e da atuação docente de três egressas do curso de Doutorado em Literatura e Práticas Sociais, pelo Poslit/UnB. A partir dos testemunhos, pesquisas e argumentações, é esperado observar neste artigo como a escrevivência pode mobilizar a emancipação social e o pensamento crítico. Por meio dessa ferramenta, foi possível reconciliar as percepções e performances narrativas, assim como se pôde ampliar o arcabouço teórico e político-social. A escrevivência escapa às delimitações metodológicas, visto que ela sugere uma arte que movimenta a prática cotidiana libertária, ao induzir a performance da palavra enquanto fundamental teoria da arte negro-brasileira. Para isso, o referencial teórico utilizado neste artigo centraliza a obra de Conceição Evaristo em diálogo aberto com Denise Ferreira da Silva, Nilma Lino Gomes, Bárbara Carine, Sonia Coutinho, Lewis Ricardo-Gordon, entre outros. Diante do exposto, este artigo experimenta a palavra, as experiências e a vida atravessada pelas narrativas evaristianas como ponto de partida político-social para lidar com a arte negro-brasileira em um espectro amplo, profundo e libertário do modo de viver a literatura, em sua teoria e em suas *práxis* humanas no cotidiano.

Palavras-Chave: Conceição Evaristo, literatura, escrevivência, relatos.

Abstract

This article takes *escrevivência* as its central subject of study. Based on *escrevivência*, it proposes interpretations and experiences drawn from academic reports and the teaching practices of three graduates from the Doctorate in Literature and Social Practices program at Poslit/UnB. Through their testimonies, research, and arguments, this article explores how *escrevivência* can mobilize social emancipation and critical thinking. Through this tool, it was possible to reconcile narrative perceptions and performances, as well as to expand the theoretical and socio-political framework. *Escrevivência* escapes traditional methodological boundaries, as it suggests an art form that moves through the liberatory everyday practice by inducing the performance of the word as a fundamental theory of Black Brazilian art. For that, the theoretical framework adopted in this article centers the work of Conceição Evaristo, in open dialogue with Denise Ferreira da Silva, Nilma Lino Gomes, Bárbara Carine, Sonia Coutinho, Lewis Ricardo Gordon, among others. In light of the above, this article experiments with language, lived experience, and life as crossed by *Evaristian* narratives, using them as a political-social starting point to engage with Black Brazilian art through a broad, deep, and liberatory way of living literature, in its theory and in its human *praxis* in daily life.

Keywords: Conceição Evaristo, literature, *escrevivência*, reports.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho que apresentamos resulta de reflexões após o processo de doutoramento de três egressas do curso de Literatura e Práticas Sociais do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília. As pesquisas, impulsionadas pela leitura e pela construção de saberes coletivos do Grupo Literatura e Corpo, coordenado pela professora doutora Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa, tomaram o conceito político e poético da escrevivência, pressuposto pela escritora Conceição Evaristo, como potenciador e guia dos estudos realizados ao longo do doutorado.

Das três teses resultantes desse processo, todas dialogam com a escrevivência e este artigo se propõe a revisitar como esse conceito foi determinante para nos entendermos dentro da dinâmica da pós-graduação, reconfigurando nossas visões sobre a literatura, a academia e a prática docente, assim como nos avaliarmos enquanto mulheres pesquisadoras dentro de uma estrutura social marcada historicamente por distinções de gênero e pelo racismo. Tendo a escrevivência como conceito basilar, o artigo também traz referências às leituras de teóricas afro-latino-americanas, a citar Neusa Santos Souza, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Grada Kilomba, indispensáveis leituras realizadas nos encontros do grupo de pesquisa assim como nas aulas da pós-graduação.

Por sua vez, a organização do texto é marcada por três momentos: o primeiro é marcado pelo relato da pesquisadora Nêmia Ribeiro Alves Lopes, que nos conta como a apresentação da obra poética e teórica de Conceição Evaristo reorganizou sua trajetória acadêmica a partir do estudo da escritora baiana Sonia Coutinho. Antes com a intenção de trabalhar questões de gênero na obra, as leituras sobre escrevivência despertaram a busca por novos rumos ao seu processo de pesquisa, instigando-a a perscrutar como a temática racial é trabalhada na obra dessa escritora baiana que despontou na década de 1950.

A segunda fala traz as impressões da pesquisadora Thaís Cristina da Silva, que apresenta os passos de seu processo de en-

tendimento do que é esse conceito amplo da escrevivência a partir de suas percepções errôneas quando inicialmente confrontada com ele. Mais especificamente, desconstruíram-se, a partir da escrevivência, os fundamentos do que abarca um conceito de universal, cuidadosamente construído pela branquitude, assim como realçou-se a prática da escrevivência como um ato poético-político intencionado, elaborado e distinto ao estudar a lírica de Conceição Evaristo, em seu livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017).

Por fim, a pesquisadora Caroline Neres Andrade faz a ponte do conceito de escrevivência à prática docente, instituindo a literatura e leitura de Conceição Evaristo como basilar para uma soma construtiva ao difícil e importante processo de ensino-aprendizagem. Afora a grande amplitude que a escrevivência ressoa em nossa trajetória acadêmica e pessoal, a realização do presente artigo justifica-se na intenção de demonstrar que os percursos que atravessam um processo longo e denso como o doutorado são pautados por contínuos e inevitáveis começos e recomeços e por transformações teórico-práticas que, com sorte, perduram para além dos anos de formação.

A CONDIÇÃO DE MULHER EM SÔNIA COUTINHO: UM NOVO OLHAR A PARTIR DO CONCEITO DE ESCRIVIVÊNCIA – NÊMIA LOPES

O meu desejo de pesquisar sobre literatura de autoria feminina, especialmente sobre Sonia Coutinho, está profundamente relacionado ao meu processo de formação acadêmica e profissional. Com isso, senti a necessidade de refletir sobre as minhas impressões acerca das obras dessa autora e sobre o reflexo delas em minha própria história como mulher que viveu (e ainda vive) em uma sociedade patriarcal. Foi assim, sentindo-me afetada pelo meu próprio cenário de pesquisa e pelas experiências e aprendizados construídos na pós-graduação, que propus este exercício de escrita.

Minha experiência na Universidade de Brasília (UnB) impactou a forma como passei a ver o mundo e nele atuar, tanto como pessoa quanto como professora do ensino básico, técnico e tecnológi-

co. Ingressei no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Poslit) em 2020 e, logo após o ingresso, nosso país foi atingido pela pandemia do Covid-19. No contexto de isolamento social, em meio a algumas atividades remotas, recebi o convite da professora Adriana Alexandrino para integrar o Grupo de Pesquisa Literatura e Corpo, sob sua coordenação. Naquele momento, levei para o grupo a proposta de investigação sobre a obra da autora baiana Sonia Coutinho, a qual eu vinha pesquisando desde o mestrado, concluído na Universidade Estadual de Montes Claros (MG).

Foi no grupo de pesquisa, a partir da leitura de textos fundamentais da crítica feminista e da importante obra crítica e poética de Conceição Evaristo, bem como das discussões e do contato com outras pesquisadoras, que novos questionamentos sobre a escrita de autoria feminina surgiram. Esses questionamentos despertaram em mim o incômodo de buscar outras respostas para as questões de gênero, para além daquelas que até então havia formulado.

A minha proposta inicial sobre a obra de Coutinho partia do inquietante fato de que esta escritora, vencedora de diversos prêmios literários, inclusive um Jabuti (1979), e que transitou com desenvoltura pela crônica, pelo conto e pelo romance, havia sido praticamente relegada ao esquecimento. Esse aspecto levou-me a investigar as demandas da vida social feminina, como os destinos previamente traçados, alheios à vontade das mulheres. Encontrei essa mesma inquietação na produção literária de Sonia Coutinho, que em todo o seu percurso literário expressa um profundo descontentamento com o “destino de mulher” – termo recorrente em seus textos, destacado por Elódia Xavier (2012), e presente desde seus primeiros escritos até sua produção mais madura.

Apesar de inicialmente determinada a pensar as relações de gênero expressas na escrita de Coutinho, foi a partir da leitura e da discussão da obra de Conceição Evaristo e de sua proposta teórica da escrivência que outros questionamentos surgiram em meu processo de pesquisa. Entre eles, a necessidade de refletir em que medida a temática racial se inscreve na obra de Coutinho, considerando o contexto social e cultural em que ela foi produzi-

da. Como não atentar para a questão racial ao estudar uma escritora baiana, que iniciou sua trajetória literária no final da década de 1950?

Nesse sentido, a noção de escrevivência perpassa intensamente o trabalho desenvolvido no Grupo de Pesquisa Literatura e Corpo e contribui para a formação de diversas pesquisadoras. No meu caso, esse contato foi determinante para reorganizar a minha trajetória acadêmica, pois a dimensão crítica da escrevivência desestabiliza leituras cristalizadas e propõe deslocamentos teóricos necessários. Construir um caminho de pesquisa em um curso de pós-graduação não é tarefa simples, pois o processo de estruturação da pesquisa vai além de definir uma base teórica coerente com a proposta ou possuir um domínio técnico sobre o tema. Em certo ponto, devemos nos perguntar e registrar por que faz sentido estudar determinado tema, qual a motivação pessoal e em que aspecto uma dada matéria se relaciona com a vida do pesquisador.

Em uma das muitas pausas reflexivas que a escrevivência me propiciou, senti a necessidade de pensar a proposta de pesquisa em relação a mim mesma – como mulher e pesquisadora, oriunda das classes populares. Assim, o primeiro aspecto que a escrevivência tensiona em meus estudos diz respeito a quem pesquisa em detrimento do conteúdo pesquisado. Isso porque é importante, para mim, pensar a imagem feminina elaborada por Sonia Coutinho, uma escritora que apresenta o mundo feminino tão fragmentado, conturbado, falando de mulheres de classe média, e que também se insere neste extrato social. Coutinho é uma escritora que deixa ao longo dos seus textos vestígios de suas leituras em francês e inglês e de suas viagens pela Europa, as quais constituem seu repertório e influências.

Mas o que eu, como mulher oriunda das classes populares, tinha em comum com esse universo simbólico, tanto que me fez querer conhecê-lo e compreendê-lo mais profundamente? Este mundo é, para mim, quase mítico, e agora o compreendo como tal devido à distância imensa que nos separa em termos de classe e até de posição geográfica – considerando a distância, em razão da minha ori-

gem rural no Vale do Jequitinhonha. Poderia aquela criança que fui (e sou) tocar tal horizonte?

As respostas não estavam nas muitas diferenças que separam a minha trajetória e a de Sonia Coutinho, mas nas multifacetadas imagens de mulheres presentes em suas obras. Desde o início de sua trajetória como escritora, ela se propõe a pensar a condição de mulher. No entanto, suas personagens questionam qual seria essa condição. De forma gradativa, suas obras elaboram e reelaboram formas de pensar o feminino, distinguindo personagens e cenários e organizando lembranças em um processo de escolhas que evidencia a gradual maturação da sua escrita.

Em suas crônicas, nos deparamos com um forte apelo ao cotidiano, como preconiza o gênero. Há nelas uma propensão por pensar as gentes, mas, sobretudo, a partir de um tom profundamente reflexivo sobre o seu lugar no mundo. São esses textos que inauguram sua posição de escritora profissional, em que as reflexões sobre o processo de escrita e a imersão no mundo da literatura se aprofundam e adquirem maior relevo. É neste exercício de olhar para si que, em sua crônica, ela conclui: “Nós mulheres da classe média”. Essa constatação, como que dita em voz alta por meio da escrita, passa a conduzir o texto coutiniano por meio de um longo percurso em que busca respostas para a questão: “Quem é a classe média baiana?” Tal indagação intitula uma de suas crônicas de 1965, desdobrando-se em outros textos que buscam caracterizar, decifrar e executar uma análise crítica sobre essa camada social no contexto baiano.

Dessa forma, o meu novo olhar sobre o texto de Coutinho, impulsionado pela experiência de pensar a partir das indagações trazidas pela escritvivência, ampliou-se, como um gesto que alcança novas dimensões. Nesse aspecto, outras propostas teóricas da crítica feminista negra, como a concepção de *Luz Negra*, de Denise Ferreira da Silva (2023), e sua discussão sobre a formação de uma ideia global de raça, foram sendo agregadas a esta nova perspectiva que surgia no meu processo de análise. Todas essas leituras surgiram a partir das discussões no Grupo de Pesquisa Literatura

e Corpo, no qual pudemos, em conjunto, construir uma elaboração crítica sobre os termos e sobre o árduo processo de escrita e reescrita que percorri ao longo da pós-graduação.

Diante dos aspectos mencionados, minha pesquisa sobre a produção literária de Sonia Coutinho (que inicialmente propunha uma análise de dois de seus romances) foi modificada, e passou a contemplar suas crônicas, publicadas em jornais de Salvador na década de 1960, assim como dois romances: *Atire em Sofia* (Coutinho, 1989) e *O jogo de Ifá* (Coutinho, 1980), sob uma perspectiva interseccional, passando a intitular-se *Gênero, Classe e Raça: um estudo da obra de Sonia Coutinho* (Lopes, 2025). Esta mudança é um retrato do segundo ponto em que a escritvivência impactou minha vida no âmbito da pesquisa, pois, apesar de não utilizar este conceito como eixo estruturante da pesquisa – dado que ele nasce da experiência de autoria feminina negra e tem como horizonte a desconstrução da imagem de controle sobre seus corpos e vozes –, reconheço que a escritvivência, enquanto categoria geradora, ampliou a minha forma de pensar a crítica literária. Uma vez tocada por ela, já não é possível ler a literatura de autoria feminina – inclusive a de autoria branca e privilegiada – sob os mesmos padrões teóricos verticalizados de outrora.

A perspectiva que, no momento do ingresso no Poslit/UnB, se configurava apenas como uma intuição, e cuja problematização, à época, ainda não se apresentava de modo claro, ampliou-se de forma significativa a partir desse contexto. Por isso, a reestruturação da pesquisa se tornou um passo natural e necessário. Nesse sentido, uma ótica racializada passou a integrar o meu foco de investigação. Comecei a interrogar de que lugares falam as personagens de Coutinho, quais vozes se fazem presentes e quais permanecem ausentes.

Observei os discursos que enunciam e os lugares que ocupam no texto poético de Coutinho, como se dão as suas escolhas ao retratar as mais diversas questões de gênero em seus diferentes textos e percebi que, assim como sinaliza Evaristo, os personagens brancos aparecem quase sempre nos lugares de mando, histórica-

mente reservados a eles. Entretanto, Coutinho, ciente de seu lugar de privilégio, registrado em sua produção cronista, põe-se a refletir sobre estes aspectos, sobre a classe média a qual integrava, traçando um itinerário com seus costumes, gostos e valores. Tais diferenças perceptíveis em seu texto precisavam ser nomeadas.

O movimento empreendido pela escritora baiana em sua crônica e no romance coloca em perspectiva analítica o que ela chama de “protótipo da classe média baiana”. Ao delinear o perfil da mulher e do homem baiano de classe média, com uma clareza sobre as marcas de seus privilégios no contexto retratado, a autora capta as marcas daquilo que Cida Bento (2022) nomeia como pacto da branquitude.

De fato, é interessante quando observamos as características que unem as personagens femininas de Sonia Coutinho. São mulheres cuja união está a cargo da manutenção da família tradicional de classe média, com o intuito de se distanciar cada vez mais das classes populares e fortalecer a rede de privilégios de seu clã. Há em sua obra, também, a presença e a atuação marcante de personagens negras, como a própria Sofia, protagonista que nomeia o romance *Atire em Sofia* (Coutinho, 1989), ou Milena, sua filha, mulher negra, ligada ao Movimento Negro e aos blocos de afoxé. No entanto, no que tange à sua pergunta central, na tentativa de responder quem é a classe média baiana, a resposta está nas mulheres brancas que predominam neste contexto.

O pacto da branquitude exercido pelas personagens brancas de Coutinho diferencia-se da voz feminina trazida pela escrivência evaristiana. Como é possível observar em *Poemas da Recordação e outros movimentos* (Coutinho, 2017), por exemplo, no poema “Vozes-mulheres”, texto que abre a primeira seção da obra, há uma convocação a gerações inteiras de mulheres – das que sofreram nos porões dos navios às que ainda resistem na contemporaneidade – para que levantem um grito.

Assim, vozes antes silenciadas adquirem nova dimensão no processo da escrita, configurando-se como uma escrivência que, nas palavras de Evaristo, é um modo de apreender o mundo.

Neste aspecto, a escrita não se limita a recuperar experiências individuais, mas transforma a dor em potência coletiva, inscrevendo o corpo negro como território de memória, resistência e afirmação, rompendo com o silêncio histórico e reconfigurando a narrativa da ancestralidade africana.

No poema “Eu-mulher”, essa dimensão se intensifica: a autora centra a experiência da mulher negra em sua singularidade e coletividade, articulando corpo, gênero e história. A narradora-poeta se reconhece na ancestralidade e no presente, tecendo uma escrita que celebra o corpo negro como sujeito ativo, capaz de apreender, resistir e criar significados. Aqui, a escrivência não é apenas registro de experiência, mas prática estética e política que transforma a dor, a memória e o trauma em força vital, conferindo à mulher negra protagonismo em sua produção literária.

O protagonismo da mulher negra na obra de Coutinho atravessa outro caminho para se formar, pois, ao passo que Evaristo o constrói pela força do ser mulher negra e a partir da consideração de que não há outro modo de interpretar o mundo senão desse lugar, Coutinho primeiro busca colocar em evidência a mulher branca, questionando e criticando-a em muitos aspectos, principalmente no que diz respeito às relações entre classes sociais. No entanto, a partir de romances como *Atire em Sofia* (Coutinho, 1989) e *O Jogo de Ifá* (Coutinho, 1980), o protagonismo enfoca a mulher negra e as marcas identitárias negras em solo baiano.

Na obra *Atire em Sofia* (Coutinho, 1989), Sônia Coutinho nos conta a história de Sofia do Rosário, mulher negra, da classe média baiana, que sofre um processo de branqueamento social devido ao pertencimento à alta classe média baiana. Porém, é uma mulher que rompe com a família tradicional em busca de viver a sua liberdade e fugir da violência patriarcal. Sua filha, Milena, é quem dará maior fôlego à ruptura iniciada pela geração de sua mãe, assumindo-se como mulher negra, integrando movimentos de lutas político-sociais em prol da causa negra e rompendo definitivamente com os valores da burguesia baiana. Este movimento já vinha

se desenhando gradualmente em sua escrita, como apontava *O Jogo de Ifá* (Coutinho, 1980).

No romance, a estrutura do texto se dá pela composição de pequenos núcleos narrativos, nos quais são apresentadas as perspectivas dos personagens. A autora articula um caminho para delinear uma possível resposta às suas questões a partir do ancestral jogo divinatório de Ifá, anunciado desde o título da obra – um dos cultos mais antigos praticados pelos iorubás no Brasil. Todo o romance supramencionado é construído à semelhança da estrutura do próprio jogo, como um lance dos búzios, cujas peças precisam ser interpretadas/decifradas.

A autora elabora uma narrativa na qual a cosmovisão iorubá é expressa na estrutura do jogo, em uma forma de interpretação que alia elementos sociais e espirituais. Conforme as peças caem, a despeito de sua aleatoriedade, há a determinação do destino pelo Ifá. A intenção de marcar a presença dos povos africanos na constituição da Bahia – e, por conseguinte, do Brasil – perpassa toda a obra a partir de recortes históricos-sociais trazidos por alguns personagens.

A memória histórica ficcionalizada em sua narrativa retrata eventos e fatos como a Revolta dos Malês e a violência contra os povos de terreiro, e particularmente destaca a sabedoria dos povos africanos e seus descendentes a partir da utilização da filosofia do Ifá como eixo estruturante de sua obra. A escrita em espiral adotada por Coutinho expressa não apenas um gesto de criação e experimentação, mas também uma forma de dar visibilidade aos diversos ciclos de vida das mulheres no universo ficcional que constrói.

Nesse aspecto, a autora alcança questões que tocam mulheres de diferentes raças e classes sociais, demonstrando uma trajetória de amadurecimento em sua produção, que passa a olhar não apenas para a condição da mulher branca de classe média, mas para a condição das mais diversas mulheres que passam a ser retratadas em suas obras. Captar essas distinções entre textos como os de Coutinho e Evaristo é possível a partir do momento em que a escrivência ultrapassa a sua dimensão teórica como um aparato

para falar de textos escritos *por* e *sobre* mulheres negras e atinge uma perspectiva que influencia o nosso modo de ver o mundo e, consequentemente, de agir sobre ele.

É neste sentido que, agora, após concluir minha pesquisa e me propor a refletir sobre tais aspectos a partir das influências sofridas ao longo desse percurso, posso compreender que, pela palavra e pela educação, uma menina, uma criança como aquela que fui/sou no Vale do Jequitinhonha, pode, sim, tocar o horizonte. A escrevivência também aponta para as mais diversas vozes silenciadas ou mesmo acomodadas em lugares distantes dos confrontos, promovendo um “moto-contínuo” – como preconiza o termo de Evaristo –, em que vida, pesquisa e prática se tornam indissociáveis.

É importante destacar que o percurso em que elaborei uma compreensão sobre o paulatino processo de amadurecimento da escrita e das temáticas na obra literária de Sonia Coutinho – toda a trajetória dentro de uma pós-graduação, por vezes marcada por um angustiante processo de elaboração do conhecimento – coincide naturalmente com o meu amadurecimento como pesquisadora e como educadora. Consequentemente, esse aspecto se reflete diretamente na prática profissional, tendo em vista que, como professora, cabe-me incorporar em sala de aula as reflexões adquiridas na pesquisa, estimulando nos alunos o pensamento crítico e a valorização da diversidade de experiências sociais e culturais que os cercam.

Por isso, reitero que a natureza da escrevivência vai além do pensamento crítico literário, abordando não só a análise de textos, mas também a conexão entre autor, obra e leitor. Ela possibilita a compreensão de como a experiência vivida – influenciada por gênero, raça e classe – se reflete na escrita, atribuindo às obras uma dimensão ética e política que vai além do aspecto estético. Assim, a escrevivência não só direciona o olhar crítico para a literatura de autoria feminina, como também inspira abordagens pedagógicas que reconhecem a pluralidade de vozes, fomentam o pensamento crítico e reforçam a consciência social tanto do pesquisador quanto de seus estudantes.

UMA REVISITA AOS CAMINHOS DE COMPREENSÃO DA ESCRIVIVÊNCIA A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DA GRADUAÇÃO À PÓS-GRADUAÇÃO – THAÍS SILVA

Após sete meses do término do processo de doutoramento, percebo certo ponto de convergência nos trabalhos finais realizados no Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, desde a graduação em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura, passando pelo Mestrado em Literatura e Práticas Sociais e concluindo no doutorado na mesma área, todos sob orientação da professora doutora Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa. Na tentativa de entender e relatar minha trajetória da graduação ao doutorado, percebo uma inquietação-chave – e, por muitas vezes, uma fixação – que une os trabalhos realizados: a imagem do(s) caminho(s), grafada em cada título de texto realizado.

Se na graduação comecei e progredi até o mestrado com o intuito de aproximar os caminhos do sertão nordestino de Graciliano Ramos ao fictício Condado de Yoknapatawpha, do sul estadunidense de William Faulkner, à medida que as personagens do romance *Vidas secas* e *Enquanto agonizo* percorriam suas trajetórias áridas com diferentes fins, na tentativa de alinhar a concomitância do andar no plano ficcional ao trajeto de construção das referentes obras, deveras atenta ao princípio de união entre forma e conteúdo, no doutorado, o retorno à ideia do(s) caminho(s) reapareceu, agora no plano lírico. Mais especificamente, ao trabalhar com uma autora do cânone português, Sophia de Mello Breyner Andresen, e com o livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo (2017), novamente me vi com a ideia dos caminhos (físicos) que atravessam a voz lírica de ambas as autoras até seu processo de construção e amadurecimento das respectivas vozes líricas.

A partir de um estudo que apontava mais para pontos extremos de divergência, em que tive que pesquisar dois corpus teóricos distintos – europeu e afro-latino-americano – para trabalhar as autoras citadas, é que conheci o conceito de escritvivência elaborado

por Conceição Evaristo. Um conceito que, em minha preconcepção, trazia seus limites à primeira vista ao demarcar, desde o princípio, um ponto (in)flexível de partida. Na fala de Evaristo, a

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças (Evaristo, 2020, p. 30).

Acrescenta-se à fala apresentada a imagem que fundamenta o conceito de escrevivência: a mãe-preta, figura que, na condição de escravizada, não se restringia apenas aos afazeres domésticos da casa-grande. Seu dever também era o de cuidar dos filhos da família colonizadora, ser ama de leite e que, no final do dia, crescia ao trabalho já forçado e subjugado o momento de contar histórias. Nas palavras de Evaristo, adormecer os filhos dos senhores que iriam, no futuro, ser os mesmos algozes dela e de sua descendência.

Dessa origem conceitual tão potente, carregada de marcas, veio a mim, sobretudo, o desafio de, perante pensar nos caminhos que levam à construção de um ser poético, ter, contraditoriamente, uma origem poética e política tão particularizadas e, na linguagem de afeto, tão humanamente pertencidas, a saber, o lugar de experiência e vivência da mulher negra, periférica e que na “condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me [Conceição Evaristo] coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana” (Evaristo, 2020, p. 30).

De um lugar tão devidamente enunciado, não foi difícil, em um primeiro momento, recorrer a dois equívocos pungentes: o primeiro se refere à concepção errônea de que a escrevivência limita-se

no que tange à ficcionalização e seus aspectos estilísticos em prol da centralidade de um eu-nós discursivo. O segundo equívoco estava na crença enraizada, advinda de estudos anteriores, de que a escrevivência, por tomar abertamente um ponto de partida específico, abdicaria de um traço universal, aspecto tão caro ao estudo comparativo realizado no mestrado e anteriormente citado.

Aqui, ressalto a importância do grupo de pesquisa Literatura e Corpo para a apresentação de um novo *corpus* de estudos teóricos e literários afro-latino-americanos, fora do eixo europeu, além da acolhida e construção coletiva de saberes que essas leituras nos propiciavam, aprimorando-nos em nossa relação acadêmica e (por que não?) afetiva, num todo interconectado. Da preocupação em resguardar um conceito onto-epistemológico sobre o universal em um contexto que trabalha a literatura negra, a cisão foi radical.

De leituras como a do filósofo Lewis Gordon (2016), em seu texto *A existência negra na filosofia da cultura*, impõe-se uma verdade deveras incômoda: o pretenso universal assegurado e sacralizado é nada mais que um particular, cuidadosamente construído ao longo do tempo e dos processos históricos pela branquitude, que ignorou (e ignora) uma realidade em que potencialidade humana do *ser negro* a ele foi severamente deturpada e amputada e, assim, construída com outras bases, muitas delas pautadas pela negação do seu ser, como apontado nos estudos prolíficos de Sueli Carneiro, *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser* (2023), e em Neusa Santos Souza, na sua obra *Torna-se negro: Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (2021), obras indispensáveis para se compreender a formação do ser negro brasileiro.

Nas palavras de Lewis,

A razão alegada para excluir o pensamento negro é um pretenso compromisso com temas autenticamente universais. Pode-se mostrar facilmente que isso assume frequentemente a forma de uma presunção

da particularidade da negritude alargada pela força universalizante da branquitude. Que o lugar da branquitude ignore a negritude, ao passo que o lugar da negritude define-se em relação à branquitude (e a outros prestadores de pensamento simbólico) conduz a uma completa mudança de perspectiva: a branquitude só é universal na medida em que ignora a realidade. É um particular que afirma o universal (Gordon, 2016, p. 454).

Dessa forma, quando a negritude dispensa o conceito de universal, admitindo sua relatividade, seu particular, não transforma esse particular em um universal generalista, pelo contrário, torna-o mais universalizante ao aceitar sua própria particularidade. Do equívoco sobre a concepção de universal, passo ao entendimento impropriedade de uma posição secundária da forma quando tratada a literatura negra. Trago a fala da própria Conceição Evaristo ao dispor com notória profundidade a compreensão e a finalidade sobre a escritvência dentro de um projeto de repensar as bases da literatura brasileira.

Afirmo que nada que eu escrevo é inocente. É muito bem pensado. Há pouco falei que “não usaria a palavra domínio”. É uma literatura em que a escolha semântica está profundamente relacionada com a minha situação social ou com a experiência social que já vivi. Penso que a Literatura Brasileira está precisando de obras que provoquem a academia para rever até o próprio conceito do que seria literatura. Talvez, a minha obra dê para pensar isso também. Por exemplo, quando se fala de uma obra memorialística, há a tendência em dizer que a obra de autoria negra

é sempre memorialística. Acreditam, então, que o livro Ponciá Vicêncio é a história da minha vida. Não é. Sempre preciso afirmar que Becos da Memória são ficções da memória, apesar de Maria Nova ser uma personagem muito próxima da autora. (Evaristo, 2020, p. 40).

Da agudeza de percepção da própria autora, reservo-me, por fim, a análise de um de seus textos, presente no livro de poemas *Poemas da recordação e outros movimentos*, publicado em 2017 – e, até agora, a primeira incursão de Conceição Evaristo no gênero lírico – a fim de mobilizar, dentro da ciência de meus equívocos iniciais, o apreço e a exigência que se mostraram incólumes em minha trajetória acadêmica: a valorização da leitura e análise do texto poético junto à dimensão e às capacidades as quais ele suscita.

A empregada e o poeta

Na suspeição de que a empregada envenenaria o poeta
anteciparam as dores dos livros.
Folhas mortas despencariam dos troncos,
lombadas folheadas em ouro
tesouro do poeta,
que a mesma serviçal
eficiente e justa cuidava em sua obra.

A empregada envenenaria o poeta,
um mofo podre avolumaria
de cada letra morta.
E a biblioteca manuseada
pela mente assassina

esperaria uma nova edição
de um debochado cordel,
que cantaria a história do poeta
e do bife envenenado,
trazendo o verso final:
“o peixe morre é pela boca.”
Todos suspeitariam,
condolências antecipadas
surgiriam em prosa e verso.
Entretanto suspeição alguma
ouviu e leu a história da empregada.
Ela jamais assassinaría o poeta.

Quando o bife passou
quase amargo e cru,
foi porque o tempo logrou
as tarefas de Raimunda.
O não e o malfeito da empregada
eram gastos às escondidas em leituras
do tesouro que não lhe pertencia.
No entanto ela sabia, mesmo antes do poeta,
que rima era só rima.
E em meio às lacrimejantes cebolas
misturadas às dores apimentadas
nos olhos do mundo,
Raimunda entre vassouras, rodos,
panelas e pó desinventava de si
as dores inventadas pelo poeta.

(Evaristo, 2017, p. 106-107).

Embora esteja na forma poema, com três estrofes e trinta e nove versos, a eu lírica preenche as linhas do poema com a ficcionalização de um crime. Usando os verbos no futuro do pretérito nas duas primeiras estrofes, com construções como “a empregada envenenaria o poeta”, “todos suspeitariam” ou “cantaria a história do poeta”, a voz lírica brinca com as determinações estabelecidas no gênero de uma narrativa policialesca. Nesse espaço de ficcionalização, dois personagens se fundem a seus respectivos espaços de atuação: a empregada, em sua pessoa e espaço de subalternidade, e o poeta, pessoa e espaço ilustres. A cisão se acentua e se personaliza já na própria marcação dos artigos “a” e “o” que os acompanham no título do poema.

Quando, porventura, as atribuições da empregada a requerem no espaço distinto do poeta – a biblioteca –, o poema omite e concomitantemente revela a agência do fazer da empregada, em construções passivas, como nos versos onze e doze “E a biblioteca manuseada pela mente assassina”, em personificações “Quando o bife passou” (v. 25) e, ainda, na relegação dos atos domésticos ao fim de uma construção frásica, explícita nos versos “Folhas mortas despencariam dos troncos,/ lombadas folheadas em ouro,/ tesouro do poeta,/ que a mesma serviçal/ eficiente e justa cuidava em sua obra” (v. 3-7).

Uma vez que a entrada na biblioteca não está associada à suposta ação de limpar que a função de empregada preconiza, mas sim ao exercício da leitura, “O não e o mal feito da empregada/ eram gastos às escondidas em leituras/ do tesouro que não lhe pertencia” (v. 29-31), embaralham-se as funções sociais e, em tal descompasso, ocorre a morte do poeta. Da mesma forma, o poema, em sua estrofe derradeira, reverte o que *seria*, na presença do futuro do pretérito do subjuntivo, ao ato que *foi* pelo uso do pretérito perfeito. As condolências ao poeta são substituídas pela história da empregada. Desequilibra-se e assassina-se, no plano artístico, o espaço rígido que demarca o que (ou quem é) é *ser* da empregada, assim como o que é (ou quem é) o *ser* do poeta.

Da distinção personalíssima que o uso dos artigos pressupõe, sobrepõe-se um outro sentido, o metonímico, ao realçar todo um coletivo de gênero e etnias que estão historicamente ligados a essas funções presentes no poema. A escrevivência de Conceição Evaristo não se limita a uma individualidade, mas, sim, é imbuída inexoravelmente de um coletivo. Como a própria autora observa a seguir,

A ideia de Escrevivência talvez possa trazer algo novo para a teoria da literatura pensar. Parece-me que o conceito de auto-ficção, de escrita de si, de narrativas do eu, e até de ego-história, quando um historiador resolve, por meio do aparato da ciência que ele conhece, narrar a sua vida, como sujeito histórico, como sujeito da história de seu tempo, o conceito de Escrevivência pode ser pensado por parâmetros diferentes dos colocados para pensar as categorias citadas anteriormente. [...] Ouso crer e propor que, apesar de semelhanças com os tipos de escrita citadas, a Escrevivência extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. Creio mesmo que o lugar nascedouro da Escrevivência já demande outra leitura. Escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. (Evaristo, 2020, p. 38).

Outrossim, não podemos relegar o diálogo que o poema “A empregada e o poeta” faz com o texto drummondiano “Poema de sete faces”. Ao imbuir a empregada de um protagonismo na ter-

ceira estrofe, mostrando sua perspectiva, a voz lírica dialoga diretamente com o poeta de Itabira, não apenas ao nomear a empregada de Raimunda em referência aos famosos versos “Mundo, mundo, vasto mundo/ Se eu me chamasse Raimundo/ Seria uma rima, não seria uma solução” (Andrade, 2013, p. 11), mas ao desfetichizar as dores do mundo que traz “o” poeta. Raimunda, diferente do Raimundo de Carlos Drummond de Andrade, não é uma rima, mas mero recurso estilístico. A Raimunda de Conceição Evaristo é um coletivo de mulheres negras, mães, domésticas, periféricas, que conhece suas dores, mas que entre tantas atribuições do cotidiano “entre vassouras, rodos, painéis e pó” (v. 37-38) ousam ainda mais: ao exercício da leitura e da escrita historicamente negado a elas.

Indago sobre o ato audacioso de mulheres que rompem domínios impostos, notadamente as mulheres negras, e se enveredam pelo caminho da escrita: “O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e, quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita”? Tento responder. Talvez essas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. (Evaristo, 2020, p. 35)

O começo desse texto foi marcado pela observação feita sobre a aparente fixação que tenho com a imagem dos caminhos físicos e poéticos que personagens e vozes-corpos poéticos atravessam para se firmarem e se tornarem. O estudo da escrivência,

a partir da obra evaristiana, acresceu-me de mais um: o caminho anticanônico que a literatura negro-brasileira rompe diariamente pelo direito de *ser* e *existir*, e que chega a nós, leitores e estudiosos de literatura, como luz negra (Silva, 2019) para repensarmos nossas certezas e preconceções.

LETRAMENTO E ESCRIVIVÊNCIA: AS ESTÉTICAS E AS PERFORMANCES DO TEXTO EVARISTIANO DURANTE A TRAVESSIA ACADÊMICA E A ATUAÇÃO DOCENTE – CAROLINE NERES

Para construir uma tentativa pedagógica mais libertária na rede pública de ensino, é preciso criar, desde a graduação, metodologias e abordagens que possam ser colocadas em prática na docência do ensino regular. Assim, um dos lugares de fala que compõem este trabalho também diz sobre a minha experiência enquanto mulher negra, professora da rede pública de ensino do Distrito Federal e egressa, mestra e doutora, do curso de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais, pela a Universidade de Brasília. Por essa razão, faz-se relevante a retomada e exposição dos apontamentos da trajetória acadêmica.

Os letramentos para a formação da docência em nível de licenciatura, no curso de letras, na Universidade de Brasília, ocorreram apenas na minha quarta graduação, no curso de licenciatura em língua francesa. Durante o curso de língua francesa, tive acesso às primeiras teorias anticoloniais escritas por Frantz Fanon, Aimé Césaire, Patrice Lumumba, Léopold Sédar Senghor, Cheikh Anta Diop, Amílcar Cabral, Kwame Nkrumah e Steve Biko. Assim como pude conhecer a literatura de língua francesa escrita por várias nacionalidades e etnias africanas.

Posto isso, retomo o caminho acadêmico percorrido desde a minha entrada na universidade, em 2011. A partir desse momento, o curso de Letras – Língua portuguesa e Respectiva Literatura foi o meu primeiro contato com a universidade e, a partir desse curso, pude concluir, além da licenciatura, o bacharelado e as licenciaturas em Letras – Português do Brasil como Segunda Língua e Língua Francesa e Respectiva Literatura.

A forma transdisciplinar que a universidade oferece aos estudantes é única em relação à oferta de ensino e aprendizagem. Isso me possibilitou uma gama de conhecimentos e experiências enriquecedoras. Mas no quesito dos letramentos, mesmo diante de uma diversidade cotidiana transversal, o estudo e a análise crítico-teórica desse lugar social ainda estava distante das ementas das disciplinas e do ambiente acadêmico.

Mas, como mencionado, durante o curso de língua francesa, pude começar um longo caminho no universo dos letramentos raciais. Esse processo de descoberta e estudo negro-brasileiro perdurou e foi alimentado durante o curso de Mestrado em Literatura e Práticas Sociais. Nessa fase, continuei na linha de pesquisa que mais conversava com as teorias estudadas no curso de letras durante a minha formação acadêmica, o eixo de Crítica Literária Dialética. Enquanto cursava as disciplinas do curso de mestrado, pude novamente conhecer e ampliar os letramentos e, de certa forma, aprofundá-los.

Na Faculdade de Educação, tive um amplo leque de referências que me auxiliaram (e ainda auxiliam) no decorrer do caminho acadêmico e profissional. Algumas disciplinas trouxeram novos caminhos teóricos, como visto nas obras de Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento, Grada Kilomba, bell hooks, Cuti, Sueli Carneiro, Edson Carneiro e Muniz Sodré.

No curso de doutorado, também pude expandir ainda mais esse lugar com presenças diversas de linguagens, métodos e estéticas que ampliaram a literatura até então estudada no início da pós-graduação. Foi durante a disciplina de teoria narrativa, ministrada pela professora doutora Patrícia Nakagome, que pude conhecer a obra de Conceição Evaristo, com o estudo e a análise do conto “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, que se encontra na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo (2011).

A partir dessa experiência, a forma de lidar com a escrita, com a literatura e com a estética literária foi ampliada e resignificada na minha vida acadêmica. Assim, toda a oferta teórica acumulada nesse processo de graduação e de pós-graduação me auxiliou

a fortalecer a análise e a crítica literária em todo o processo de formação acadêmica, disposto em leituras, debates e eventos no grupo de pesquisa Literatura e Corpo, orientado e coordenado pela professora doutora Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa.

Durante esse momento, o grupo de pesquisa pôde aprofundar nas leituras de Silvia Federici, Rita Terezinha Schmidt, Constância Lima Duarte, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Grada Kilomba, entre outros. A partir do estudo das obras e das rodas de leitura feitas durante todo o processo acadêmico, o grupo pôde crescer e elaborar diversas reflexões, trabalhos e ampliar a produção acadêmica que diz sobre o estudo, a análise e a interpretação da produção literária negro-brasileira, principalmente, a de autoria de mulheres.

Com esse lugar de falas e retomadas, inicialmente com uma rica crítica marxista, dialética, que já abordava o feminismo, pôde-se ampliar e compreender o feminismo negro e as teorias que compunham a amefricanidade, o quilombismo, a escrevivência, a oralitura e a arte enquanto estéticas em construção. Assim, o grupo de pesquisa ressignificou as formas de compreender a literatura, em especial a obra de Conceição Evaristo.

O projeto de pesquisa “Literatura brasileira de autoria de mulheres, com especial atenção à autoria de mulheres negras: história, leitura e ensino”, orientado e coordenado pela professora doutora Adriana de Fátima Alexandrino, foi chave essencial nos letramentos, abordagens e ressignificações de metodologias e performances literárias. Essa prática acadêmica fomentada pelo grupo de pesquisa foi de grande relevância na minha formação acadêmica. A partir dos estudos feitos durante a participação no grupo de pesquisa, pude reorganizar e fortalecer os elos entre a universidade e a escola, e mais, pude enriquecer os letramentos nas práticas sociais em suas vozes, pertencimentos e críticas.

Essa conexão entre o ambiente acadêmico e o escolar esteve sempre presente, desde o início da graduação, passando pelos estágios e durante a docência no ensino regular. Durante os estágios, a relação entre a literatura e a gramática ocupavam um lugar cen-

tralizado no ensino e aprendizagem da língua portuguesa. Na pós-graduação, a literatura se tornou ferramenta basilar para o ensino e aprendizagem de língua portuguesa. No curso de mestrado, a literatura brasileira, objeto central na minha pesquisa e na escrita da dissertação, pôde abrir conexões que enriqueceram os debates e o ensino interdisciplinar sobre a realidade no âmbito teórico e social. Já no curso de doutorado, a literatura negro-brasileira e a obra de Conceição Evaristo puderam ampliar e aprofundar a forma de compreender a língua portuguesa e os letramentos sociais que envolviam a criação de mundos e o olhar crítico dos estudantes.

Desse modo, a minha pesquisa de doutorado, *Escritvivência e efeito estético em Histórias de leves enganos e parecenças, de Conceição Evaristo* (Andrade, 2025), me auxiliou com forte embasamento para que fosse possível levar para a sala de aula os contos, as histórias, a prosa, os poemas, a teoria e a escritvivência da autora. No entanto, esse auxílio foi o resultado de um longo processo de leituras, interpretações, debates, compreensões e maturação das palavras e do conhecimento que foi compartilhado no grupo de pesquisa e construído ao longo do tempo.

Por essa razão, os letramentos tão importantes durante a graduação e a pós-graduação também se tornaram urgentes nos debates em sala de aula. Por essa razão, os temas estudados durante o curso de doutorado se fizeram relevantes em minha prática docente. Diante dos letramentos necessários, o racial se tornou um lugar sensível e necessário em sala de aula, já que a maior parte dos estudantes frequentes na rede pública de ensino são negros. Assim, ao assumir a negritude no processo de tornar-se negro, além de representar uma retomada identitária – muitas vezes atravessada pela dor –, também implica acolhimento e pertencimento em relação à própria negritude.

Segundo Conceição Evaristo, em sua dissertação, *Literatura negra: uma política de nossa afro-brasilidade* (1996), a literatura negra é aquela “cujos criadores buscam, conscientes e politicamente, a construção de um discurso que dê voz e vez ao negro como sujeito que auto se apresenta em sua escritura” (Evaristo, 1996, p. 3).

Dessa forma, é necessário “reconhecer que uma proposta estética universalizante não abarca mundos diversos, células menores construtoras de uma realidade própria, no que implica em ouvir a linguagem, em ouvir a voz do outro” (Evaristo, 1996, p. 3-4). É nessa orquestra narrativa de vozes negras que a escrevivência atua.

De acordo com Bárbara Carine Pinheiro, em *Como ser um educador antirracista*, “se eu diminuo o outro e faço com que ele acredite nisso, eu o domino” (Pinheiro, 2023, p. 36). A partir dessa premissa, é fundamental reconhecer que a dominação emerge das hierarquias sociais, as quais se baseiam na diferenciação de raças, etnias, gênero, sexo entre outras. Essa construção é a força basilar do universalismo branco e dos privilégios da branquitude, que nega sua própria racialidade em nome do mito da democracia racial.

Ainda segundo Bárbara Carine Pinheiro, “a democracia racial é um mito. Não há plena igualdade entre pessoas negras e não negras no Brasil” (Pinheiro, 2023, p. 51). Esse mito, sustentado pela acumulação desigual de bens materiais e simbólicos, é reforçado não apenas pelas pessoas não negras, por meio do pacto narcísico da branquitude, mas também pelo alheamento de parte da população do negro-brasileiro, que muitas vezes rejeita o orgulho étnico e a valorização de sua identidade.

Dessa forma, retorna-se ao espaço literário para reafirmar, com força subversiva, sua importância enquanto instrumento que opera, essencialmente, sobre o humano por meio de uma arte libertária. A arte tem o poder de alimentar diferentes formas de percepção – subjetivas e objetivas – sobre a condição humana. Ela amplia horizontes, ressignifica imagens, constrói novos significados e desperta sensibilidades. Nesse contexto, a literatura, por meio de sua estética, torna-se um poderoso vetor na construção política de mundos possíveis.

As obras de Conceição Evaristo têm o potencial de capacitar o leitor na construção de subjetividades e na apreensão de mundos possíveis. Neste artigo, apresento um recorte do meu trabalho no curso de doutorado, para que seja possível compreender a força da escrevivência e das histórias capazes de produzir sentidos e per-

cepções necessárias para a conquista do ensino e da aprendizagem diante dos letramentos. Compreender que a literatura e os letramentos praticados no ambiente escolar desempenham um papel essencial na construção da autoestima, do amor próprio e do pertencimento é um passo importante para promover uma educação antirracista, sensível às diversidades e comprometida com a transformação social. De acordo com Bárbara Carine,

A escola é um complexo social fundamental no processo de transformação da realidade social; ela é influenciada pelo sistema, ao passo que, em contrapartida, também o influencia, uma vez que forma pessoas que vão ocupar e ajudar a construir todas as demais instâncias sociais. (Pinheiro, 2023, p. 147).

A escola pode e deve promover a ocupação de saberes, conhecimentos e vivências por meio de uma partilha rica e significativa entre toda a comunidade escolar. Histórias, assim as propostas nas narrativas de Conceição Evaristo, têm o potencial de ampliar as percepções da realidade e de provocar reflexões urgentes sobre temas fundamentais, como a escravidão, o lugar social e simbólico dos mais velhos, a valorização da beleza negra, a luta pela liberdade, a herança cultural, a ancestralidade e outras dimensões centrais da cultura afro-brasileira. Ao incorporar essas narrativas ao cotidiano pedagógico, a escola se torna um espaço mais inclusivo, crítico e transformador.

Agir como mobilizador da quebra de estereótipos é fundamental no ensino literário, especialmente em sua busca por legitimação da subjetividade negro-brasileira. A literatura, com a sensibilidade profundamente humana, tem o poder de transitar por esferas transversais e contribuir para a construção de um coletivo que não seja regido pela lógica do opressor – aquele que historicamente tentou definir e limitar a existência e a subjetividade do negro-brasileiro. Para Nilma Lino, essa transformação exige um compromisso com práticas educativas que reconhecem e respeitam a diversidade

de étnico-racial, propondo uma educação que não apenas inclua, mas que também emancipe e reescreva os sentidos da presença negra na escola e na sociedade.

Segundo Nilma Lino,

A relação Movimento Negro, educação e saberes nos convocam a trilhar um caminho epistemológico e político desafiador: a construção de um pensamento e de uma pedagogia pós-abissais. Para tal, será necessário compreender como se deu uma tensão histórica construída nas relações de poder e conhecimento e que envolve os coletivos sociais e suas práticas: a tensão regulação-emancipação social que interfere na produção de conhecimentos e de saberes. (Gomes, 2018, p. 55).

Entender as relações de poder e enfrentar o domínio alienante são premissas fundamentais para uma prática educacional e pedagógica efetiva em sala de aula. Inserir a literatura e as expressões artísticas no debate escolar pode tensionar e potencializar processos de emancipações e fortalecer o conhecimento e o posicionamento social crítico. Segundo Bárbara Carine, “a professora, o professor, é um portal que une as memórias e os conhecimentos do mundo antigo à construção do mundo que está por vir” (Pinheiro, 2023, p. 150).

A docência possibilita a práxis da teoria, sendo na atuação cotidiana do professor em sala de aula que se constroem mediações, abordagens e metodologias. Nesse contexto, a literatura se apresenta como uma ferramenta essencial no processo de ensino e aprendizagem. Ao utilizar obras de Conceição Evaristo, bem como textos de autoras e autores como Lélia Gonzalez, bell hooks, Cuti, Ana Maria Gonçalves, Geni Guimarães, entre outros, foi possível observar uma participação mais ativa dos estudantes. Essas produções literárias e teóricas, ao dialogarem com a realidade dos alunos,

despertam o interesse, promovem reflexões críticas e contribuem para uma aprendizagem mais significativa.

Ao desenvolver oficinas de escrita criativa e rodas de leitura como atividades complementares ao currículo, foi possível perceber que a prática da leitura e da interpretação coletiva é essencial na formação escolar dos estudantes. Nessas ocasiões, o aluno assume o papel de protagonista do seu próprio discurso, sendo convidado pelo texto a exercitar o pensamento crítico, interagir com os temas propostos e estabelecer conexões significativas com suas vivências pessoais.

A abordagem por meio de rodas de leitura, interpretação e debate literário no ambiente escolar torna-se um instrumento essencial, especialmente em tempos de crescente presença da inteligência artificial. Nesse contexto, é fundamental que o estudante exercite a construção de argumentos, desenvolva o raciocínio lógico e fortaleça o pensamento crítico. Embora a tecnologia e a inteligência artificial tragam inúmeros benefícios para a educação, seu uso exige um letramento digital consciente. Isso porque, além das vantagens, essas ferramentas também apresentam riscos, como a possibilidade de substituir aspectos fundamentais da experiência humana, como o pensamento autônomo e a racionalidade.

Lidar com a arte requer ferramentas orgânicas – não há espaço para o artificial quando se trata de sensibilidade, expressão e criação. É na junção entre a prática social, o texto literário e as teorias que sustentam a compreensão narrativa que encontramos uma fonte inesgotável de conhecimento. Essa combinação possibilita o acesso aos saberes linguísticos, poéticos, sociais, filosóficos, econômicos, históricos, entre outros, ampliando significativamente a formação crítica e cultural dos estudantes.

Há múltiplas aprendizagens em jogo nesse processo. Lembre-me de diversos momentos marcantes: das leituras dos contos de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (Evaristo, 2016), que despertavam um misto de mistério e acolhimento a cada nova narrativa compartilhada com os estudantes; de como eles relacionavam as leituras a músicas que dialogavam com os temas abordados;

de como essas conexões se alinhavam com as vivências da “quebrada” de cada um. Certos temas surgiam de forma intensa e eram aprofundados a partir das experiências pessoais – muitas vezes difíceis, mas absolutamente necessárias para o crescimento coletivo e individual.

Lembro também de como a história de *Ponciá Vicêncio* (2017), anunciava dores profundas — dores que todos em sala conseguiam acessar de alguma forma. Ao mesmo tempo, havia um encantamento: a narrativa trazia uma família que, apesar dos inúmeros desafios e rupturas, permanecia, de certa forma, unida. Já nas leituras coletivas dos contos de *Olhos d'Água* (2016), a dor surgia de maneira aguda, atravessada por um forte sentimento de injustiça. Esses momentos despertavam falas intensas, pois os estudantes reconheciam ali traços de suas próprias vivências. As experiências pessoais se entrelaçavam com a ficção, mostrando como a literatura, ao mesmo tempo que representa, também acolhe e provoca.

A sala de aula é, por si só, um grande desafio. Os estudantes são intensos, carregam curiosidade, energia e questionamentos. Ao trazer a literatura para esse espaço, o professor precisa estar preparado para lidar com o inesperado: com os sentimentos que emergem nos alunos, com as reações espontâneas e com as múltiplas interpretações. É necessário acolher essas manifestações e trabalhar coletivamente essas emoções e percepções, de modo a legitimar e alimentar as subjetividades que habitam o ambiente escolar.

Para que esse processo seja efetivo, é necessário ampliar as metodologias que articulam literatura e pedagogia, de modo que os letramentos, tanto no âmbito da gestão escolar quanto na formação docente, consigam alcançar os estudantes de forma significativa. Assim, será possível fortalecer a diversidade de ideias, promover o protagonismo estudantil, valorizar as subjetividades e estimular a construção de uma argumentação crítica e consciente.

CONSIDERAÇÕES

A diversidade das trajetórias acadêmicas e pessoais apresentadas neste texto converge na perspectiva de encontrar, na escre-

vivência e nas potencialidades proporcionadas pela universidade pública, um caminho comum para sujeitas distintas. Esse mesmo ponto de contato nos une como educadoras que, conscientes do papel da literatura em nossas trajetórias pessoais, buscamos replicar na sociedade aquilo que nos tocou em primeira instância. É sobretudo interessante a construção coletiva deste texto como um fechamento de ciclo para todas nós, após a conclusão do doutoramento e já atuantes como professoras na rede pública de ensino.

É simbólico considerarmos que um processo permeado por uma construção do conhecimento, em muitos aspectos coletiva, se encerre e/ou se abra para novas construções, assim, também de forma coletiva. Nesse sentido, à semelhança do que preconiza a lírica evaristiana, “os de ontem, os de hoje e os de amanhã se reconhecem nos pedaços uns dos outros. Inteiros.” (Evaristo, 2017, p. 41). É neste percurso de conhecer-se e se reconhecer que este artigo apresenta, de maneira distinta e ao mesmo tempo complementar, as reflexões sobre o nosso processo de aprendizado na Universidade de Brasília e em diálogo com outros espaços formativos.

Sabedoras de que a produção de um material crítico, como o proposto em uma tese de doutorado, requer um olhar atento para o corpus pesquisado – não como mero objeto de estudo, mas como construção de saber –, compreendemos que esse processo implica também revisitar trajetórias, afetos e experiências que atravessam a escrita e a constituem como prática de conhecimento e de transformação.

É neste sentido que, inicialmente, a pesquisadora Nêmia Ribeiro Alves Lopes aponta o modo significativo como a escrivência – conceito teórico que ultrapassa as margens que, em primeira instância, se colocam – atravessa sua trajetória, conduzindo seu olhar a aspectos fundamentais da escrita coutiniana, outrora não observados. A necessidade de reconhecer a importância da flexibilidade no processo acadêmico, superando conceitos até então estanques, também aparece no relato apresentado pela pesquisadora Thais Cristina da Silva. Ao conectar suas experiências de graduação

e pós-graduação, ela evidencia, em seu percurso, a compreensão das particularidades próprias à escrevivência, que antes partiam de premissas equivocadas, mas se dissipam a partir do aprofundamento das leituras, dos debates e do contato com sólidas teorias, acessadas no ambiente coletivo dos grupos de pesquisa e da universidade.

De modo semelhante, a pesquisadora Caroline Neres de Andrade pontua a relevância dos letramentos ao longo de seu processo formativo e como, especialmente, os temas estudados no curso de doutorado refletem em sua prática docente. Como professora da rede pública de ensino, em que grande parte dos estudantes é composta por estudantes negros, o ato de oportunizar-lhes leituras fundamentais, como os textos evaristianos, que se conectam à realidade social desses educandos, constitui-se, definitivamente, em um gesto que reafirma a aliança político-poética deflagrada pela escrevivência. Assim, ao reunirem suas trajetórias e reflexões, as pesquisadoras revelam que a escrevivência não apenas estrutura suas leituras e práticas, mas também se configura como um princípio ético e estético que atravessa e transforma seus modos de ser, escrever e ensinar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ANDRADE, Caroline Neres de. **Escrevivência e efeito estético em *Histórias de leves enganos e parecenças*, de Conceição Evaristo**. Tese (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais) – Poslit, Universidade de Brasília, Brasília, 2025.

BENTO, Cida. **Pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

COUTINHO, Sônia. **Atire em Sofia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

COUTINHO, Sônia. **O Jogo de Ifá**. São Paulo: Ática, 1980.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita**

de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

LEWIS, Gordon. A existência negra na filosofia da cultura. **Griot**: Revista de Filosofia, v. 14, n. 2, 2016.

LOPES, Nêmia Ribeiro Alves. **Gênero, raça e classe**: uma leitura da crônica, conto e romance de Sonia Coutinho. 2025. Tese (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais) – Poslit, Universidade de Brasília, Brasília, 2025.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

SILVA, Denise Ferreira da. Em estado bruto. **ARS** (São Paulo), [S. l.], v. 17, n. 36, p. 45–56, 2019. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2019.158811. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ars/article/view/158811>. Acesso em: 15 dez. 2025.

SILVA, Denise Ferreira da. **Homo modernus**: para uma ideia global de raça. Trad. Jess Oliveira, Pedro Daher. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

XAVIER, Elódia. **A Casa na Ficção de Autoria Feminina**. Florianópolis: Mulheres, 2012.